

O DECLÍNIO HEGEMÔNICO DOS ESTADOS UNIDOS E A CRESCENTE INFLUÊNCIA DA CHINA: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA SOBRE A TEORIA DA TRANSIÇÃO DE PODER NO SÉCULO XXI

Nasa'i Muhammad Gwadabe¹
Mohd Afandi Salleh²
Abdullahi Ayoade Ahmad³

Introdução

“Let China sleep; when she wakes, she will shake the world”

- Napoleão Bonaparte (1769- 1821)

A ascensão da China pode ocorrer pacificamente sob a hegemonia dos Estados Unidos? Predominantemente, as respostas a esta pergunta dependem da teoria da Transição de Poder. A maioria dos teóricos da Transição de Poder previu que a ascensão da China seria conflituosa. Há cerca de 200 anos, Napoleão Bonaparte advertiu que o mundo deveria “deixar a China dormir; quando ela acordasse, abalaria o mundo.” Uma vez que o mundo de hoje é dominado pela hegemonia dos Estados Unidos, abalar o mundo significa abalar os Estados Unidos (Allison 2017, Chan, Hu e He 2018, Kugler e

1 Professor da Faculdade de Direito e Relações Internacionais na Universiti Sultan Zainal Abidin, Terengganu – Malaysia. E-mail: ngwadabe@gmail.com

2 Professor da Faculdade de Direito e Relações Internacionais na Universiti Sultan Zainal Abidin, Terengganu – Malaysia.

3 Professor da Faculdade de Direito e Relações Internacionais na Universiti Sultan Zainal Abidin, Terengganu – Malaysia.

Organski 1989, Wang 2018, Yoder 2019).

De acordo com a Teoria, uma transição de poder de um poder hegemônico para um poder em ascensão geralmente termina em conflitos ou guerra; e, possivelmente, em uma mudança na estrutura do sistema internacional (Kugler e Organski, 1989). A teoria da Transição de Poder foi proposta por Abramo Fimo Kenneth Organski em seu livro *World Politics*, em 1958. Ele explicou que as nações passam por três estágios de transição de poder. Primeiro, o Estágio de Poder Potencial, seguido pelo Estágio de Crescimento Transicional em Poder e, por último, o Estágio de Maturidade de Poder. Organski (1958) explicou, ainda, que os principais indicadores do poder relativo de uma nação são o tamanho da população, a força industrial e a organização política.

Além disso, Organski argumentou que quando um poder em ascensão ameaça substituir um poder vigente, o cenário geralmente termina em uma dinâmica perigosa que o estudioso de Harvard, Graham Allison, chamou de “Armadilha de Tucídides” (Mastro 2019). Utilizando nosso conhecimento de história, entenderemos o pressuposto central da teoria da Transição de Poder, visto que a história registrou vários casos em que a transição de poder levou a grandes guerras. Na antiguidade, a transição do poder de Esparta para Atenas foi sangrenta. No século XX, o poder ascendente da Alemanha na Europa resultou em guerras mundiais (Mearsheimer 2001).

Adicionalmente, a teoria da Transição de Poder explicou que os fatores que causam a guerra entre o declínio hegemônico e o poder ascendente são a insatisfação e o medo. Idealmente, em um sistema global anárquico de autoajuda, quando uma potência em crescimento está insatisfeita com a ordem mundial existente, naturalmente, tal potência emergente se empenhará em exaltar sua influência no sistema para atingir seus interesses. Assim, a ação do Estado revisionista irá correlativamente lançar medo e incerteza na mente da hegemonia em declínio, o que torna a guerra hegemônica quase inevitável, como testemunhado pela história.

Normalmente, no processo de Transição de Poder, o desafiador insatisfeito cresce mais rápido do que a nação dominante e ameaça alcançar e ultrapassar o poder dominante. Como a paridade de poder está se estreitando entre o desafiador e a nação dominante, a tensão entre os dois principais contendores aumentaria devido à incerteza sobre as futuras intenções do estado ascendente que geralmente leva ao confronto (Chan et al. 2018).

Por último, este artigo usou um desenho de pesquisa explicativo para avaliar criticamente o fenômeno em estudo e sugerir possíveis soluções usando rastreamento de processo. O rastreamento do processo é uma ferramenta de análise qualitativa que fornece sistematicamente um exame das evidências selecionadas e analisadas à luz dos objetivos da pesquisa (Beach 2017). Neste

artigo, os dados foram coletados principalmente de fontes secundárias, que incluíram relatórios, sites oficiais, artigos de periódicos respeitáveis, enciclopédias e livros. As informações coletadas foram analisadas criticamente para explicar o quão deficiente é a teoria da Transição de Poder no século XXI para explicar as atuais relações Estados Unidos-China e a perspectiva de paz ou guerra entre os dois Estados.

O Problema e a Justificativa para o Estudo

Desde sua formulação em 1958, a Teoria da Transição de Poder tem sido amplamente utilizada para analisar e fazer previsões sobre o comportamento da China quando atingisse o estágio de maturidade de poder e a possível reação do hegemom da época durante a transição. O próprio Organski previu que “a ascensão da China, que acaba de entrar na fase de crescimento transicional, promete ser igualmente espetacular” (Organski 1958). Estudos da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, dentre outros, projetaram que a China seria uma potência militar de primeira classe e rivalizaria com os Estados Unidos em potência global até 2020 (Layne 2008). Muitos argumentaram que a ascensão da China, bem como o medo e a incerteza que ela instilaria nos Estados Unidos acabariam por levar a uma guerra hegemônica (Chan et al. 2018, Wang 2018, Yoder 2019).

A crença de muitos acadêmicos de que os Estados Unidos e a China acabarão em uma armadilha de Tucídides, juntamente com a propaganda da mídia de comunicação de massa, ajudaram a ampliar a questão além do nível irracional. O agravamento da questão instalou o pânico na mente dos formuladores de política externa, o que poderia influenciá-los a fazer escolhas errôneas e irracionais, colocando em risco a paz mundial e a cooperação internacional.

Portanto, este artigo argumenta que, em termos de crescimento econômico, a China poderia superar os Estados Unidos, mas não há indícios de confronto armado entre as duas nações. Isso ocorre porque no século XXI existem tendências de mudança nas relações internacionais e na política global. Há uma crescente interdependência econômica, rápido avanço na tecnologia militar, restrições institucionais, sistema político doméstico, natureza das alianças e a questão da Destruição Mútua Assegurada (MAD) devido ao advento e proliferação de armas de destruição em massa. Esses fatores exigiram uma revisão crítica da teoria da Transição de Poder, proposta em meados do século XX.

Assim, este artigo procura examinar a Teoria da Transição de Poder em relação a algumas variáveis emergentes no século XXI para abordar os

vazios de conhecimento sobre as perspectivas de paz ou guerra entre os Estados Unidos e a China, caso a transição ocorra. As questões levantadas e discutidas aqui podem ser importantes para os formuladores de política externa e ajudarão a atrair a atenção dos acadêmicos e da mídia de massa para uma abordagem do fenômeno que não foi explorada adequadamente.

Revisão da Literatura

De acordo com Organski (1958), o auge que um país pode atingir no espectro de transição de poder é o “Estágio de Maturidade de Poder”. Ele explicou que quando um país se torna o ator dominante no cenário internacional ou ascende à posição hegemônica global, acaba sendo desafiado por uma nação poderosa e insatisfeita em ascensão. Como comprovado pela história, na maioria dos casos, a busca pela liderança mundial entre a hegemonia em declínio e a potência emergente geralmente leva ao confronto armado (Dunn 2010, Lopez e Johnson 2017).

Por exemplo, em *World Politics: Trend and Transformation*, Shannon Lindsey Blanton e Charles William Kegley explicaram que a busca pela liderança mundial entre as grandes potências fazia parte da política global desde tempos imemoriais. Eles argumentaram que a rivalidade entre grandes potências é cíclica; o que significa que a história se repetirá (Blanton e Kegley 2017). Os autores tentaram justificar a recorrência da rivalidade entre grandes potências pela liderança mundial, levando-nos de volta mais de 500 anos (1495 - 2025) na história, usando a teoria do ciclo longo para mostrar como a liderança global se manifesta por meio de uma série de estágios. Segundo eles, períodos de guerra global são seguidos por períodos de relativa estabilidade na liderança global que facilitam a criação de instituições e o estabelecimento de uma nova ordem internacional pela hegemonia com o apoio de outras nações poderosas. Normalmente, a transformação global altera o poder relativo dos Estados, muda suas alianças com outros países e provavelmente com mudanças nas fronteiras internacionais (Holsti 2019, Scott 2018). A Tabela 1 abaixo resumiu algumas tendências históricas e prováveis de transição de poder no futuro.

Tabela 1: Linha do tempo da rivalidade entre grandes potências pela liderança mundial (1495-2025)

Datas	Estado (s)	Outros Poderes Resistindo à Dominação	Guerra Global	Nova Ordem Depois da Guerra Global
1495-1550	Portugal	Espanha, Valous, França, Burgundy, Inglaterra	Guerra da Itália e do Oceano Indico, 1494-1517	Tratado de Tordesilhas, 1517
1560-1609	Espanha	Holanda, França, Inglaterra	Guerras Hispano-Holandesas, 1580-1608	Trégua de 1608: formação da União Evangélica e da Liga Católica
1610-1648	Sagrado Império Romano (Dinastia Habsburgo na Espanha e na Áustria Hungria)	Coalizões ad hoc majoritariamente de Estados Protestantes (Suécia e Holanda) e principados germânicos, assim como a França (Católica) contra os resquícios da ordem papal	Guerra dos Trinta Anos, 1618-1648	Paz de Vestfália 1648
1650-1713	França (Luis XIV)	As Províncias Unidas, Inglaterra, o Império Habsburgo, Espanha, a maioria dos Estados germânicos, Rússia	Guerra da Grande Aliança, 1688-1713	Tratado de Utrecht, 1713
1792-1815	França (Napoleão)	Grã-Bretanha, Prússia, Áustria, Rússia	Guerras Napoleônicas, 1792-1815	Congresso de Viena e o Concerto Europeu, 1815
1871-1914	Alemanha, Turquia, Austria-Hungria	Grã-Bretanha, França, Rússia, Estados Unidos	I Guerra Mundial, 1914-1918	Tratado de Versalhes criando a Liga das Nações, 1919

Datas	Estado (s)	Outros Poderes Resistindo à Dominação	Guerra Global	Nova Ordem Depois da Guerra Global
1933-1945	Alemanha, Japão, Itália	Grã-Bretanha, França, União Soviética, Estados Unidos	II Guerra Mundial, 1939-1945	Bretton Woods, 1944, Nações Unidas, Potsdam, 1945
1945-1991	Estados Unidos, União Soviética	Grã-Bretanha, França, China, Japão	Guerra Fria, 1945-1991	NATO/Parceria Para a Paz, 1995; Organização Mundial de Comércio, 1995
1991-2025?	Estados Unidos	China, União Europeia, Japão, Rússia, Índia	Um paz fria ou a guerra hegemônica? 2015-2025	Um novo regime de segurança para preservar a ordem mundial?

Fonte: Blanton e Kegley (2017).

Limitando a crítica à ascensão da China sob a liderança global dos Estados Unidos, que é a questão sendo examinada por este artigo, Graham Allison em seu livro intitulado *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides' Trap?* argumentou que a ascensão da China não poderia ser pacífica (Allison 2017). Idealmente, como a China é um país comunista e não democrático, enquanto os Estados Unidos são uma nação capitalista e democrática, a China deveria estar insatisfeita com a atual ordem internacional estabelecida pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial.

Como potência em ascensão, a China deve estar insatisfeita com a atual ordem global liderada pelos americanos. Naturalmente, os chineses tentarão reformulá-la. Essa insatisfação com o *status quo* da China provavelmente criará medo e incerteza nos Estados Unidos, situação complexa que pode levar a um trágico século XXI se não for administrada com cautela. O professor Graham Allison, de Harvard, descreveu o cenário como uma armadilha de Tucídides, que é uma configuração fatal de sofrimento estrutural que se manifesta quando um poderoso país emergente desafia a liderança do hegemom (Allison 2017). Outros pesquisadores como Ganguly e Pardesi (2012); Kim e Gates (2015); Kirshner (2019); Marsh (2014); Scott (2018) compartilham uma posição semelhante. Ainda assim, Allison (2017) enfatizou que o confronto armado poderia ser evitado se os Estados Unidos e a China dessem alguns passos difíceis e dolorosos em direção a uma transição pacífica.

Recentemente, Chi-Hung Kwa, em seu artigo *"The China-US Trade War: Deep-Rooted Causes, Shifting Focus and Uncertain Prospects"*, explorou o atual ciclo de guerra comercial travada contra a China pelos Estados Unidos.

Conforme acreditam os teóricos da Transição de Poder, os Estados Unidos percebem a rápida ascensão da China como uma ameaça ao seu domínio e influência globais (Kwan 2019). Conseqüentemente, os Estados Unidos impuseram tarifas exorbitantes aos produtos vindos da China. Além disso, os norte-americanos impuseram algumas restrições à transferência de tecnologia dos Estados Unidos para a China em resposta ao rápido crescimento e domínio de algumas empresas de alta tecnologia chinesas, como a Huawei, que parecia ser um concorrente aparente da Apple (Oramah e Dzene 2019). Gompert, Cevallos, e Garafola (2016); Hopewell (2019); Kwan (2019); Liu (2018); Stiglitz (2017) expressaram preocupação com a possibilidade de agravamento da deterioração da guerra comercial entre os dois países, o que poderia resultar em instabilidade econômica internacional ou no surgimento de dois blocos econômicos opostos encabeçados pelas duas potências.

Da mesma forma, em *“Trends of U.S.-China Trade Disputes”* e *“Beijing’s Policy Options”*, Sun Tianhao e Wang Yan opinaram que os Estados Unidos entendem a ascensão econômica da China como uma ameaça à sua alavancagem econômica própria. Assim, tendo a China como uma desafiadora que precisa ser rechaçada. Eles fizeram uma analogia comparativa da atual relação Estados Unidos - China com o caso da ascensão econômica do Japão por mais de 20 anos e a reação dos Estados Unidos a ela. Tianhao e Yan (2018) explicaram que quando o Japão estava crescendo, 20 anos atrás, os Estados Unidos tinham os mesmos sentimentos e táticas anti-japonesas.

Os Estados Unidos tentaram destruir conglomerados multinacionais japoneses, como a Toyota e a Honda, e paralisaram a Toshiba e também conseguiram derrubar o poderio econômico do Japão. No final, Alfayad (2019); Blackwill e Tellis (2015); Campbell e Ratner (2018); Tianhao e Yan (2018) expressaram otimismo para a China como uma desafiadora formidável e que provavelmente sobreviverá às manobras dos Estados Unidos. Segundo eles, isso se deve ao tamanho econômico da China, ao ritmo de seu avanço tecnológico, aos abundantes recursos humanos e à sua influência no cenário internacional, muito maior que a do Japão, mesmo no auge do crescimento japonês.

Debate

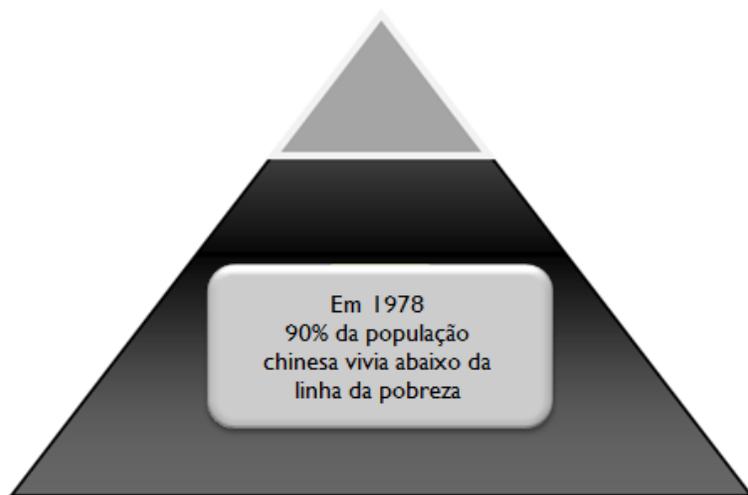
Esta seção fornece uma análise crítica e construtiva das informações disponíveis relacionadas ao assunto em consideração. Conforme mencionado anteriormente, este artigo contou com fontes secundárias de dados para avaliar o fenômeno. Assim, alguns padrões são identificados a partir das informações coletadas, resumidas e organizadas em títulos e subtítulos,

avaliados e comparados entre os Estados Unidos e a China vis-à-vis o pressuposto da teoria da Transição de Poder, tendo em mente a interrogação inicial que orientou o artigo, que é se a China pode ascender pacificamente à hegemonia sob um sistema internacional dominado pelos EUA.

A Crescente Influência da China e o Declínio dos Estados Unidos

A China está em ascensão e se transformando em um ator significativo e influente no cenário internacional. Fornece força econômica mundial e também cresce militarmente (Lee 2019). Astarita e Lim (2014) argumentaram que o processo de transição de poder dos EUA para a China está em andamento. Abaixo estão alguns indicadores de crescimento sustentado da China e declínio relativo dos Estados Unidos.

Figura 1: Porcentagem da população da China que vive abaixo da linha da pobreza extrema



Fonte: World Bank (2016), Allison (2018).

Não muito tempo atrás, em 1978, 90 em cada 100 indivíduos chineses viviam abaixo da linha da pobreza internacional de 1,90 dólares por dia, conforme indicado na Figura 1 acima. Considerando a grande população da China, de mais de 1 bilhão de pessoas, essas estatísticas significam fome, desnutrição, doenças e insegurança nacional e humana. E todos esses fatores

são prejudiciais ao crescimento e ao desenvolvimento.

Paradoxalmente, a China apresentou uma das estratégias nacionais anti-pobreza mais eficazes, que tirou seus cidadãos da pobreza em um curto período de tempo, algo praticamente milagroso. Em contrapartida, hoje a China é o oposto do que era há 40 anos. Assim, quase toda a população da China, de aproximadamente 1,3 bilhão de pessoas, está desfrutando de um excelente padrão de vida com uma fonte de renda sustentável (Allison 2018).

Figura 2: Porcentagem da população da China que vive acima da linha da pobreza extrema



Fonte: World Bank (2016), Allison (2018).

Conforme mostrado na Figura 2 acima, a potência nacional contemporânea da China transformou a pirâmide de 1978 em uma pirâmide invertida, com cerca de 99% de sua população vivendo com mais de 1,90 dólares por dia. Consequentemente, a esmagadora maioria da população chinesa encontra-se na categoria de classe média, na qual o crescimento chinês veio com um desenvolvimento impressionante em todos os indicadores de segurança humana e nacional.

Embora na década de 1970 a China fosse um país comunista pobre, hoje conta com uma estratégia para emergir como uma potência global. Em

primeiro lugar, a China começou do zero, copiando métodos de negócios e desenvolvendo suas redes de comércio e exportação globalmente, bem como seus maquinários, fazendo uso de seus abundantes e baratos recursos humanos para impulsionar o crescimento e o desenvolvimento. Além disso, a China fez um grande investimento na educação de seus cidadãos no campo da ciência e tecnologia, que hoje desempenha um papel significativo no poder.

Tabela 2: PIB comparado com base na Paridade do Poder de Compra (PPC) para os Estados Unidos e China (Em bilhões de dólares americanos)

Anos	2004	2014	2024 (Projeção)
China	5,767	18,345	35,596
Estados Unidos	12,214	17,522	25,093

Fonte: World Bank (2019).

Observando os números acima na Tabela 3.1 é evidente que a economia chinesa vem dobrando a cada dez anos. Isso indica que as políticas da China são muito estáveis, o que é crucial para a implementação de planos de longo prazo. Da década de 1970 até hoje, o resultado cumulativo do crescimento sustentado da China resultou na melhoria significativa do padrão de vida de seus cidadãos em quase 50 vezes. No último ano, a China era metade dos Estados Unidos em termos de PIB (relativo ao PPC). Em 2015, o PIB chinês (PPC) se igualou ao dos Estados Unidos. E a projeção atual indica que até 2024 o PIB (PPC) dobrará o dos Estados Unidos. A consequência dessa mudança dramática será sentida em todos os lugares.

Por exemplo, na guerra comercial atual, a China é o parceiro comercial número um de todos os principais países asiáticos. Nesta conjuntura, Allison (2017), em sua tentativa de estabelecer um possível confronto armado entre os Estados Unidos e a China, explicou que o “arquivo Armadilha de Tucídides”, de Harvard, documentou e avaliou cerca de 500 anos de história e encontrou 16 casos em que um poder ascendente ameaçou substituir um poder governante. E dos 16 casos, 12 terminaram em guerra.

Expulsando os Estados Unidos do “quintal” da China

Mearsheimer (2001) explica que ser hegemônico não significa

dominação absoluta do mundo; antes, é quando uma nação domina seus “quintais”, ou regiões, e se sente segura nelas. Segundo ele, essa hegemonia regional permite que o país dominante vá “espionando” os “quintais” ou regiões de outros países. A explicação de Mearsheimer é evidente na política externa dos Estados Unidos para o Oriente Médio e Norte da África, Sul e Sudeste Asiático, Europa Oriental, etc. Os Estados Unidos dominaram as Américas do Norte e do Sul, o que permitiu a eles posicionar-se ao redor do globo e interferir nos assuntos de outros países para seu próprio ganho. No entanto, o crescimento da influência chinesa na Ásia significa uma diminuição do poder e a eventual expulsão dos Estados Unidos da região. A consolidação completa do domínio da China na Ásia é uma das conquistas estratégicas críticas de sua ascensão como hegemonia regional.

Conseqüentemente, a China consolidou sua influência no Leste Asiático e desenvolveu um relacionamento cordial com a Rússia; seguido de prestígio e crescimento econômico sem precedentes. A transformação econômica da China liderou a recuperação da Ásia de seu colapso financeiro de 1997. Isso marcou o momento na história no qual a China ultrapassou o Japão como principal jogador econômico da Ásia (Campbell 2008). A transformação econômica e a influência da China na Ásia foram o ímpeto para a transformação econômica de Cingapura, Coreia do Sul, Malásia e outros países asiáticos, o que os tornou importantes atores no cenário econômico mundial. Além disso, no final de 2005, o crescimento da China facilitou uma produção global de mais de 33% dos países asiáticos. A China também se transformou no membro mais importante da ASEAN, cooperando estrategicamente com outros grandes países asiáticos, como o Japão, em questões que podem ser significativas para a estabilidade econômica da região (Campbell 2008).

Nos últimos anos, outro sucesso significativo da China foram seus investimentos consideráveis no Leste Asiático e a orquestração de uma nova arquitetura econômica fora da estrutura do sistema de Bretton Woods. A China envolveu os países do Leste Asiático no estabelecimento da infraestrutura para a consolidação de um mercado de títulos com base na Ásia. Uma das estratégias críticas do mercado de títulos é reduzir a dependência excessiva dos mercados de capital controlados pelo ocidente, mobilizando poupanças em moedas regionais para investimento de longo prazo na Ásia (Layne 2008, Wang 2018).

Por outro lado, alguns analistas de política de poder estão dando ênfase ao poderio militar dos Estados Unidos na região do Pacífico. Mas a China está consolidando sua influência política e econômica na Ásia a ponto de países como Malásia, Cingapura e outros serem céticos em colaborar com os Estados Unidos em qualquer forma de exercício militar que pudesse provocar

os chineses no Mar do Sul da China. Em breve, a China terá uma influência poderosa na operação do Comando do Pacífico dos Estados Unidos (Campbell 2008, Lee 2019).

Pelos fatos acima, não há dúvida de que a China está se aproximando dos Estados Unidos. Assim, ao medir a diferença entre as duas potências, fica evidente o declínio relativo dos EUA. Mas não significa que a China ultrapassará os Estados Unidos nas próximas décadas em todas as dimensões de poder. Significa apenas que a China será maior do que os Estados Unidos como economia. Outra questão a ser observada é a população chinesa de 1,3 bilhão, crescendo a uma taxa de 7,5%. Eventualmente, a China será maior, mas será muito mais pobre do que os Estados Unidos em termos de renda per capita, já que a população dos Estados Unidos é de apenas 328 milhões.

Por último, o que precisamos saber é: se os Estados Unidos estão em declínio, que tipo de declínio estão experimentando? É um declínio absoluto ou relativo? O declínio absoluto é similar ao que ocorreu com o antigo Império Romano. Roma era uma economia agrária sem fontes próprias de produção; ficou mais rica conquistando; à medida que o império passou a aumentar seu território, mas sem aumentos correspondentes na economia que o abasteceria, suas guerras civis irromperam e ele começou a declinar, o que acabou levando à sua queda; mas para isso acontecer demorou cerca de 300 anos. Se o que aconteceu com o Império Romano é absoluto, seria o mesmo processo pelo qual os Estados Unidos estão passando hoje? A resposta é negativa.

A Teoria da Transição de Poder: Uma Perspectiva Crítica do Século XXI Sobre a Ascensão da China

No século XXI, um ponto crucial que os teóricos da transição de poder não conseguiram compreender de forma adequada é que a China só poderia se tornar rica no ambiente internacional criado pela Pax Americana. Todo o sistema de Bretton Woods deu a todas as grandes potências acesso livre e irrestrito aos mercados globais. Antes da ordem internacional pós-Segunda Guerra Mundial, as nações entraram em guerra para obter esses recursos. Enquanto no sistema global atual, os Estados Unidos os ofereciam gratuitamente.

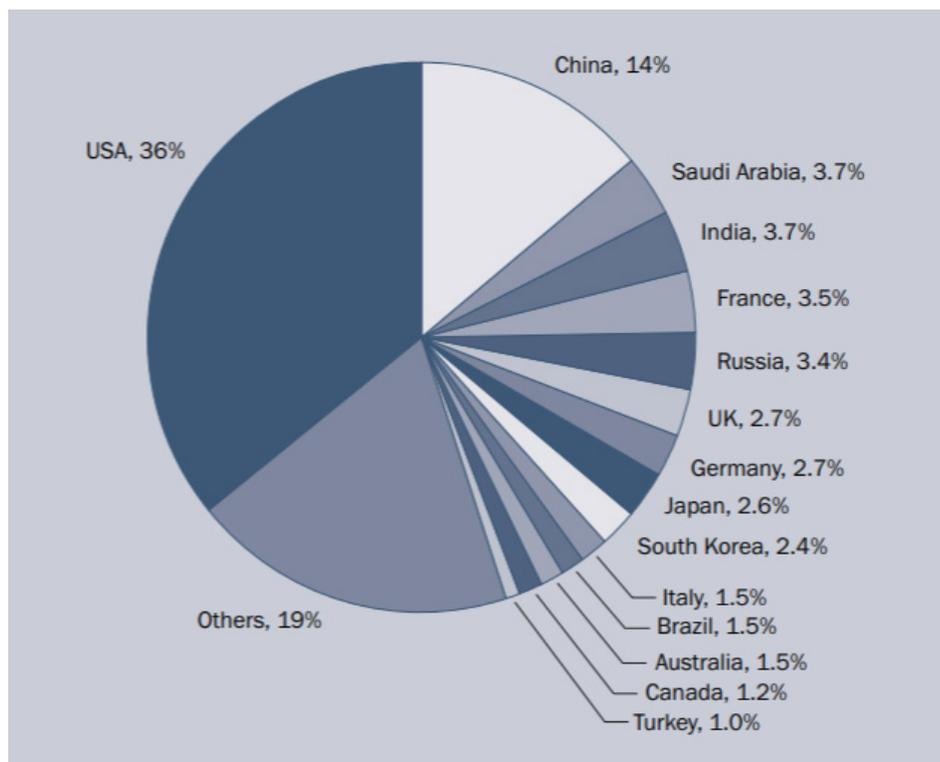
O acordo era: os Estados Unidos atuam como policiais mundiais e mantêm as rotas comerciais abertas com sua enorme marinha e poderio militar e, em troca, o mundo ajuda os Estados Unidos a combater o comunismo soviético. Os Estados Unidos chegaram a sacrificar seu domínio econômico e uma porcentagem de seu PIB e criaram o Plano Marshall para fazer esse

acordo funcionar. O mundo aceitou o negócio ansiosamente, e lugares como a China e a Alemanha ficaram ricos com o comércio (Harris 2016, Tang 2018).

Mas esta é a questão: a vantagem da existência da União Soviética acabou. As circunstâncias que criaram o sistema pós-Segunda Guerra Mundial não estão mais em vigor. Atualmente, tudo o que os Estados Unidos sabem é que carregam o enorme fardo da dívida de serem “os policiais do mundo”. Estão perdendo dinheiro e participação de mercado ao apoiar a infraestrutura para permitir que outros países enriqueçam. Considerando os avanços da política externa dos Estados Unidos, eles estão agora repensando sua velha configuração do pós-Segunda Guerra Mundial. Assim que essa configuração desaparecer, a China desmoronará, porque a economia chinesa depende fortemente das exportações. Se essas rotas comerciais forem abandonadas pelos Estados Unidos, haverá uma luta para que outros países tomem o controle delas; e isso significa caos. Os Estados Unidos podem não se importar muito porque apenas uma pequena fração de sua economia está ligada às exportações (Wen 2018). Atualmente, os norte-americanos não são tão vulneráveis quanto a China e a Europa. Os Estados Unidos podem fabricar seus produtos, cultivar seus alimentos e gerar sua energia, considerando que outras economias emergentes como a China e outras podem não sobreviver (Fung 2013, Wen 2018).

Outra questão é o conceito de Destruição Mútua Assegurada (MAD) devido ao advento e proliferação de armas de destruição em massa. A Guerra Fria teria se transformado em uma “Guerra Quente” se não fosse pelo equilíbrio do terror nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética, mais especialmente durante a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962. Assim como na Rússia, a guerra não é uma opção entre a China e os Estados Unidos devido à capacidade de segundo ataque nuclear que os dois países possuem (Christensen 2012, Tanter 2017).

Figura 3: 15 principais países com despesas militares mais altas em 2018, de acordo com a classificação do Stockholm International Peace Research Institute.



Fonte: Tian, Fleurant, Kuimova, Wezeman, e Wezeman (2019).

Em 2018, a despesa militar global foi de 1,47 trilhão de dólares, que representou 81% de todo o dinheiro despendido em gastos militares em todo o mundo. Os gastos militares norte-americanos são maiores do que qualquer outro país do planeta, com um valor estimado em 649 bilhões de dólares, representando 36% dos gastos militares globais, conforme indicado na Figura 3 acima. No entanto, em comparação com o ano de 2010, quando atingiu seu ápice, as despesas militares dos Estados Unidos foram 19% menores em 2018. O declínio é certamente devido aos esforços do governo dos Estados Unidos para resolver o déficit e equilibrar seu orçamento na maior parte os anos 2010 (Tian et al. 2019).

Conforme indicado na Figura 3.3, a China vem em segundo lugar em termos de gastos militares, depois dos Estados Unidos. Embora a China seja

a segunda, não é uma desafiadora próxima, já que os Estados Unidos mais do que dobraram os gastos militares chineses. Em 2018, a China gastou 250 bilhões de dólares em seu poderio militar, que representa 14% dos gastos militares mundiais. Os gastos militares da China aumentaram quase 10 vezes em 2018 em comparação com 1994, registrando um crescimento constante em seus gastos militares. Porém, o crescimento de 5% registrado em 2018 é o menor desde 1995. A queda na taxa de gastos militares chineses está associada à desaceleração do seu crescimento econômico em 2018, que é o menor em 28 anos. Ao contrário dos Estados Unidos, a China tem uma política de fazer com que seus gastos militares sejam proporcionais ao seu crescimento econômico (Tian et al. 2019). Como um subconjunto dos gastos e da capacidade militar geral, a energia nuclear de um país determina sua força ou vulnerabilidade no sistema internacional. A Tabela 3 abaixo mostra o status comparado da capacidade de armas nucleares dos Estados Unidos e da China em 2019.

Tabela 3: Situação das Armas Nucleares nos Estados Unidos e China em 2019

País	Armas Estratégicas Posicionadas	Armas Não-Estratégicas Posicionadas	Reserva Não Posicionada	Arsenal Militar	Quantidade Tota
Estados Unidos	1,600g	150h	2,050i	3,800j	6,185k
China	0m	?	290	290	290m

Fonte: FAS (2019).

Conforme interpretado pela Federação de Cientistas Americanos (FAS), “Armas Estratégicas Posicionadas” refere-se às ogivas nucleares implantadas em mísseis intercontinentais e em bases de bombardeiros pesados. Enquanto as “Armas Não-Estratégicas Posicionadas” são ogivas nucleares implantadas em bases com sistemas operacionais de entrega de curto alcance. As “Reserva Não Posicionada são ogivas nucleares que não são implantadas em lançadores e no armazenamento. Por sua vez, Arsenal Militar se refere a ogivas nucleares ativas e inativas que estão sob custódia das Forças Armadas e destinadas ao uso por entregadores comissionados. Por fim, o estoque total de armas nucleares de cada país refere-se às ogivas no estoque das Forças Armadas, bem como aposentadas, mas ainda intactas, incluindo também ogivas destinadas a serem desmontadas (FAS 2019).

Desde 1964, quando a China testou pela primeira vez sua primeira bomba atômica, o país mantém a estratégia de dissuasão nuclear mínima. Assim, a China acredita que uma capacidade eficiente de segundo ataque nuclear seria adequada para servir como uma dissuasão confiável para qualquer ofensiva nuclear feita sobre a China. Como tal, os chineses se concentraram em manter um estoque nuclear tão baixo quanto 290, mas com uma capacidade de segundo ataque confiável e eficiente o suficiente para deter e reprimir a agressão (Kristensen e Korda 2019a).

Ao contrário, os Estados Unidos mantiveram um número considerável de arsenal nuclear, atrás apenas da Rússia. Aproximadamente, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos mantém um estoque nuclear de quase 3.800 ogivas; e a maioria delas está implantada. Atualmente, nos Estados Unidos, 2.050 ogivas nucleares são classificadas como reservadas; enquanto 2.385 são designadas como aposentadas e esperando para serem desmontadas. Em suma, os Estados Unidos possuem cerca de 6.185 armas nucleares. Desse número, 1.750 bombas nucleares que são implantadas, cerca de 1.300 são montadas em mísseis balísticos, enquanto 300 ogivas são montadas em bases nucleares estratégicas nos Estados Unidos, com alguns adicionais de 150 ogivas nucleares estratégicas implantadas em locais estratégicos na Europa (Kristensen e Korda 2019b).

O confronto armado entre os Estados Unidos e a China é um jogo perdido para todos. Portanto, um conflito militar em grande escala é duvidoso, uma vez que tanto a China quanto os Estados Unidos são designados como potências em armas nucleares pelo Tratado de Não Proliferação (TNP). Então, novamente, destaca-se que hoje em dia existem muitas outras maneiras de se minar um regime, que incluem: guerras comerciais, sanções, espionagem, propaganda - todas as quais já estão em andamento. Finalmente, neste artigo, argumenta-se que mesmo que a ascensão da China resulte em confronto armado, provavelmente não será entre a China e os Estados Unidos, mas entre a China e uma série de outras potências regionais que ainda não são conhecidas.

Considerações Finais

Este artigo explorou as perspectivas de paz ou guerra entre o declínio dos Estados Unidos e a ascensão da China. Muitos estudiosos de segurança internacional e especialistas acreditavam que a ascensão da China seria conflituosa (Allison 2017, Campbell 2008, Wang 2018). Ao contrário, este artigo argumenta que a China poderia superar os Estados Unidos como

economia, mas não há indícios de confronto armado entre as duas nações. Isso ocorre porque, no século XXI, há tendências de mudança nas relações internacionais e na política global. Além disso, a China ainda não atingiu o estágio de maturidade de seu poder. Portanto, como Estado racional, não se precipitaria prematuramente em um conflito com os Estados Unidos, sobretudo porque o resultado de um confronto armado entre ambos seria um revés para o mundo em geral e, em particular, um problema maior para a China nesta fase crítica de seu crescimento.

Mais ainda, no mundo de hoje, as nações estão entrelaçadas pelas forças da globalização, que criaram uma interdependência econômica inexorável. Além do rápido avanço da tecnologia militar e o conceito de Destruição Mútua Assegurada (MAD) devido ao advento e proliferação de armas de destruição em massa. Esses fatores exigiram revisitar e uma avaliação crítica da teoria da Transição de Poder, que foi proposta em meados do século XX, para torná-la aplicável no sistema internacional contemporâneo.

Geralmente, o problema é que depois da Segunda Guerra Mundial a nova ordem global foi estruturada para servir às potências ocidentais, enquanto o resto do mundo foi deixado de fora. Embora a China seja um membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, ainda assim, isso não será uma parte justa para a China em ascensão. Assim, se os Estados Unidos pudessem agir estrategicamente para incorporar a China ao campo das nações que estão obtendo uma parcela razoável e justa do sistema por meio de abordagens multilaterais, a perspectiva de transição pacífica aumentará.

Embora a China não seja uma democracia liberal, facilitar e acelerar a exposição da China às normas e práticas globais dentro da estrutura do direito internacional poderia torná-la menos violenta e moderadamente ambiciosa durante a transição. Essa estratégia pode permitir que as duas nações tenham alguns interesses comuns de benefício mútuo. Portanto, se a China pode se beneficiar dessas normas e práticas, desafiar o *status quo* estabelecido da Pax Americana será contraproducente.

Zhu (2005) acrescentou que se os Estados Unidos puderem acomodar alguns dos interesses significativos da China, a perspectiva de uma coexistência pacífica aumentará. Ele, porém, sustentou que para que o mundo alcance essa transição harmoniosa, os Estados Unidos têm que sacrificar alguns interesses e benefícios que vem usufruindo como potência hegemônica. Isso, finalmente, criará uma atmosfera internacional de cooperação e competição justa por um mundo melhor.

Em resumo, Abramo Organski propôs a teoria da Transição de Poder no século XX. Portanto, a suposição definitiva da teoria da escalada do confronto

armado durante a transição de poder pode não ter validade substancial no século XXI como resultado do equilíbrio nuclear do terror, o rápido avanço da tecnologia militar e a complexa interdependência econômica provocada pelas forças da globalização. Conseqüentemente, os teóricos atuais da Transição de Poder precisam revisitar a teoria para acomodar fatores contemporâneos e fazê-la se encaixar adequadamente no discurso das relações internacionais e da política global do sistema internacional do século XXI.

REFERÊNCIAS

- Alfayad, F. S. 2019. "Huawei and the Gulf Region: Market Opportunities Despite the Ongoing US-China Trade War". *International Review of Management and Marketing* 9 (4): 47–53. <https://doi.org/10.32479/irmm.8206>.
- Allison, G. 2017. *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?* New York: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company.
- Allison, Graham. 2018. "China's Anti-Poverty Drive Has Lessons For All". Retrieved November 23, 2019. <https://www.belfercenter.org/publication/chinas-anti-poverty-drive-has-lessons-all>.
- Astarita, C., e Lim, Y. H. 2014. *China and India in Asia: Paving the Way for a New Balance of Power*. New York: Nova Science Publishers.
- Beach, D. 2017. *Process-Tracing Methods in Social Science*. Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.176>.
- Blackwill, R. D., e Tellis, A. J. 2015. *Revising US Grand Strategy Toward China*. London: Council on Foreign Relations.
- Blanton, S. L., e Kegley, C. W. 2017. *World Politics: Trend and Transformation* (2016th–2017th ed.). Boston: Cengage Learning.
- Campbell, H. 2008. "China in Africa: Challenging US global hegemony". *Third World Quarterly* 29(1): 89–105. <https://doi.org/10.1080/01436590701726517>.
- Campbell, K. M., e Ratner, E. 2018. "The China Reckoning: How Beijing Defied American Expectations". *Foreign Affairs*, 97(25): 60–77.
- Chan, S., Hu, W., e He, K. 2018. "Discerning states' revisionist and status-quo orientations: Comparing China and the US". *European Journal of International Relations*, 1–28. <https://doi.org/10.1177/1354066118804622>.
- Christensen, T. J. 2012. "The Meaning of the Nuclear Evolution: China's Strategic Modernization and US-China Security Relations". *Journal of*

- Strategic Studies* 35(4), 447–487. <https://doi.org/10.1080/01402390.2012.714710>.
- Dunn, C. 2010. *AS/A2 Geography Contemporary Case Studies: Superpowers*. Oxfordshire: Hodder Education. Retrieved from <https://books.google.com.my/books?id=jgJRwoLgXZgC>.
- FAS. 2019. “Status of World Nuclear Forces”. *Federation Of American Scientists*, December 11, 2019. <https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>.
- Fung, H. G. 2013. “The integration of china’s economy with the world”. *Chinese Economy* 46 (4): 3–5. <https://doi.org/10.2753/CES1097-1475460400>.
- Ganguly, S., e Pardesi, M. S. 2012. “Can China and India Rise Peacefully?”. *Orbis* 56 (3): 470–485. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.orbis.2012.05.011>.
- Gompert, D. C., Cevallos, A. S., e Garafola, C. L. 2016. *War with China: Thinking Through the Unthinkable*. New Jersey: Rand Corporation.
- Harris, P. 2016. “The Self-Destruction of Pax Americana”. *Israel Journal of Foreign Affairs* 10 (1): 47–57. <https://doi.org/10.1080/23739770.2016.1151134>.
- Holsti, O. R. 2019. *Change in the International System*. New York: Routledge.
- Hopewell, K. 2019. “US-China Conflict in Global Trade Governance: the New Politics of Agricultural Subsidies at the WTO”. *Review of International Political Economy* 26 (2): 207–231.
- Kim, W., e Gates, S. 2015. “Power Transition Theory and the Rise of China”. *International Area Studies Review* 18 (3): 219–226.
- Kirshner, J. 2019. “Offensive Realism, Thucydides Traps, and the Tragedy of Unforced Errors: Classical Realism and US–China Relations”. *China International Strategy Review* 1 (1): 1–13.
- Kristensen, H. M., e Korda, M. 2019a. “Chinese Nuclear Forces”. *Bulletin of the Atomic Scientists* 75 (4): 171–178. <https://doi.org/10.1080/00963402.2019.1628511>.
- Kristensen, H. M., e Korda, M. 2019b. “United States Nuclear Forces”. *Bulletin of the Atomic Scientists* 75 (3): 122–134. <https://doi.org/10.1080/00963402.2019.1606503>.
- Kugler, J., e Organski, A. F. 1989. “The power transition: A retrospective and prospective evaluation”. *Handbook of War Studies* 1 (9): 171–194.
- Kwan, C. H. 2019. “The China–US Trade War: Deep-Rooted Causes, Shifting Focus and Uncertain Prospects”. *Asian Economic Policy Review*, 1–18. <https://doi.org/10.1111/aepr.12284>.

- Layne, C. 2008. "China's challenge to US hegemony". *Current History* 107 (705): 13–18.
- Lee, J. 2019. "Did Thucydides Believe in Thucydides' Trap? The History of the Peloponnesian War and Its Relevance to U.S.-China Relations". *Journal of Chinese Political Science* 24 (1): 67–86. <https://doi.org/10.1007/s11366-019-09607-0>.
- Liu, K. 2018. "Chinese manufacturing in the shadow of the China–US trade war". *Economic Affairs* 38 (3): 307–324.
- Lopez, A. C., e Johnson, D. D. P. 2017. "The Determinants of War in International Relations". *Journal of Economic Behavior e Organization*. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jebo.2017.09.010>.
- Marsh, K. 2014. "Descending Eagle: The 2014 Quadrennial Defense Review e the Decline of U.S. Power". *Orbis*, 58 (4): 604–620. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.orbis.2014.08.008>.
- Mastro, O. S. 2019. "In the Shadow of the Thucydides Trap: International Relations Theory and the Prospects for Peace in U.S.-China Relations". *Journal of Chinese Political Science* 24 (1): 25–45. <https://doi.org/10.1007/s11366-018-9581-4>.
- Mearsheimer, J. J. 2001. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton e Company, Inc.
- Oramah, B., e Dzene, R. 2019. "Globalisation and the Recent Trade Wars: Linkages and Lessons". *Global Policy* 10 (3): 401–404. <https://doi.org/10.1111/1758-5899.12707>.
- Organski, A. F. K. 1958. *World Politics*. New York: Alfred A. Knopf, Inc.
- Scott, S. V. 2018. "What Lessons Does the Antarctic Treaty System Offer for the Future of Peaceful Relations in the South China Sea?". *Marine Policy* 87, 295–300. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.marpol.2017.10.004>.
- Stiglitz, J. E. 2017. "Rethinking Globalization in the Trump Era: US-China Relations". Retrieved from <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/d8-ys3w-hv46>.
- Tang, S. 2018. "The future of international order(s)". *Washington Quarterly* 41 (4): 117–131. <https://doi.org/10.1080/0163660X.2018.1557499>.
- Tanter, R. 2017. "Reviewe∓ Forecast: The US-China ASW Calculus in the South China Sea". *Sea Technology* 58 (1): 39–40.
- Tian, N., Fleurant, A., Kuimova, A., Wezeman, P. D., e Wezeman, S. T. (2019). Trends in World Military Expenditure, 2018. *Stockholm International Peace Research Institute*. Retrieved from <https://www.sipri.org/sites/>

default/files/2019-04/fs_1904_milex_2018_o.pdf.

- Tianhao, S., e Yan, W. 2018. "Trends of U.S.-China trade disputes and Beijing's policy options". *China Quarterly of International Strategic Studies* 4 (4): 543-557. <https://doi.org/10.1142/S2377740018500276>.
- Wang, Q. 2018. "Power transition, status anxiety, and new trends of strategic competition between China and the US". *Journal of China and International Relations* 6 (2): 85-95. Retrieved from <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85066803419&partnerID=40em-d5=e308fbef82dc75ca5a44bc9d07be6355>.
- Wen, D. 2018. "Domestic Value Added in China's Exports to the World and Its Partners". *Chinese Economy* 51(1): 45-68. <https://doi.org/10.1080/10971475.2017.1368885>.
- World Bank. 2016. "Poverty Headcount Ratio at \$1.90 a Day (2011 PPP) (% of Population) - United States, China". Retrieved November 23, 2019. <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.DDAY?end=2016&locations=US-CN&start=1979&view=chart>.
- World Bank. 2019. "GDP, PPP (current international \$) - China, United States | Data". Retrieved November 23, 2019. https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.CD?end=2018&locations=CN-US&name_desc=true&start=1990&type=shaded&view=chart.
- Yoder, B. K. 2019. "Uncertainty, Shifting Power and Credible Signals in US-China Relations: Why the 'Thucydides Trap' Is Real, but Limited". *Journal of Chinese Political Science* 24 (1): 87-104. <https://doi.org/10.1007/s11366-019-09606-1>.
- Zhu, Z. 2005. "Power Transition and U.S.-China Relations: Is War Inevitable?". *Journal of International and Area Studies* 12 (1): 1-24. <https://doi.org/10.2307/43107108>.

RESUMO

A aparente erosão do poder hegemônico dos Estados Unidos e o crescimento sustentado da China geraram debates sobre se a ascensão da China será pacífica ou conflituosa. O realismo estrutural postula que o mundo é caracterizado pelo princípio de ordenamento anárquico, no qual não há autoridade central acima dos Estados. Portanto, a ausência de um “leviatã” no sistema internacional torna automaticamente todos os estados iguais no sistema, o que criou uma atmosfera de competição pela maximização do poder para a sobrevivência. Em uma linha de raciocínio semelhante, a teoria da transição de poder como uma teoria variante dentro do realismo postula que quando o sistema internacional é estruturado com base no princípio da hierarquia, a paz reinará. Isso significa que quando as relações internacionais são reguladas e influenciadas por uma potência dominante, o sistema internacional se torna estável. Mas o surgimento de uma nação poderosa insatisfeita para desafiar a hegemonia geralmente termina em guerra. Com base nessa suposição, os teóricos da Transição de Poder argumentaram que a ascensão da China para rivalizar com o domínio dos Estados Unidos não poderia ser pacífica. A teoria da transição de poder influenciou muitos acadêmicos a acreditarem que as duas nações acabarão na “Armadilha de Tucídides”. A inclusão das variáveis atuais na Teoria irá torná-la aplicável e adequada ao discurso das relações internacionais e da política global do sistema internacional do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE

China; Hegemonia; Teoria da Transição de Poder; Estados Unidos.

*Recebido em 28 de abril de 2020
Aprovado em 12 de novembro de 2020*

Traduzido por Gabriela Ruchel